

**AS CAMADAS DA LÍNGUA EM PERSPECTIVA HISTÓRICA:
UMA ANÁLISE CRÍTICA DA OBRA GRAMÁTICA HISTÓRICA
DO PORTUGUÊS EUROPEU, DE ESPERANÇA CARDEIRA**

Vitória Santos Silva (UESB)

202420044@uesb.edu.br

Lara da Silva Cardoso (UESB)

lara.silva@uesb.edu.br



CARDEIRA, Esperança. *Gramática histórica do português europeu*. São Paulo: Parábola, 2021. 190p.

A obra *Gramática Histórica do Português Europeu* é de autoria de Esperança Cardeira, renomada acadêmica portuguesa com sólida trajetória na Universidade de Lisboa, instituição onde consolidou sua formação como mestra em Línguas, Literaturas e Culturas e doutora em Linguística. Atualmente, a autora leciona disciplinas fundamentais como História da Língua Portuguesa, Dialectologia e Filologia no Centro de Linguística da referida universidade. Especialista em mudança e variação linguística, Cardeira atua principalmente nos campos da Crítica Textual e Linguística Histórica, acumulando uma vasta bibliografia que inclui títulos como *O Essencial sobre a História do Português* (2006) e a própria *Gramática Histórica do Português Europeu*, ora analisada. Com o lançamento desta obra pela Editora Parábola, em São Paulo, a autora marca sua estreia no mercado editorial brasileiro, trazendo sua proficiência em Linguística Histórica para o público local.

A obra estrutura-se em seis capítulos organizados em 190 páginas que guiam o leitor desde as raízes latinas até a consolidação do Português europeu moderno. Ao longo do texto, Cardeira promove uma investigação profunda, que abrange desde a evolução dos sons e das estruturas gramaticais do português europeu até as camadas do vocabulário e da escrita, oferecendo um mapeamento didático e rigoroso da trajetória da língua no espaço europeu.

No capítulo *Introdução*, Cardeira traça um panorama da expansão do latim e da romanização, sublinhando como o latim vulgar entrou em contato com as línguas nativas pré-romanas, como o celta e o ibérico, na qualidade de substrato. A autora explica que, embora essas línguas tenham sido progressivamente abandonadas em favor do latim, elas não desapareceram sem deixar vestígios; pelo contrário, integraram aspectos fonéticos e lexicais que deram forma às futuras línguas românicas.

A autora ainda chama atenção para o fato de que, embora o português, em seu estágio inicial, passasse por constantes mudanças devido aos empréstimos linguísticos de outras línguas, não existia uma norma ortográfica definida durante esse período (entre os séculos XIII e a primeira metade do século XIV). Como detalha Cardeira, a ausência de uma convenção oficial implicava que cada escriba escrevesse com base na ortografia que conhecia, levando a uma profunda oscilação gráfica, como as encontradas em documentações antigas do período. Para a constituição de uma gramática histórica, no entanto, essa falta de padronização não é um obstáculo, mas uma ferramenta preciosa: ela permite que o pesquisador identifique variações fonéticas e regionais que seriam silenciadas por uma norma rígida, trazendo indícios como o latim vulgar se transformava na fala cotidiana.

Ao detalhar as periodizações do português europeu, a autora explica que, no estágio pré-literário (antes do século XIII), essa instabilidade era alta, pois a modalidade falada já se distinguia significativamente da escrita latina. A transição para o português antigo, a partir do século XIII, é caracterizada pelos primeiros registros documentais, em que o 'caos' ortográfico reflete a tentativa intuitiva de registrar novos sons. Somente a partir do reinado de D. João I, em 1385, é que começam a circular textos com fins literários mais estruturados, que marcam uma nova fase gramatical, denominada português médio (século XV). A partir do século XVI, inicia-se, segundo a autora, o período clássico, caracterizado pela fixação de uma norma linguística e pelo advento da imprensa, combatendo a arbitrariedade dos escribas e configurando o português como uma língua nacional de identidade consolidada (o português europeu moderno, tal como se conhece contemporaneamente).

No segundo capítulo, o foco recai sobre a Fonética e a Fonologia, áreas em que são exploradas as mudanças nos sistemas vocálicos e consonânticos ao longo do tempo. A autora utiliza uma análise comparativa entre o latim e o português antigo para revelar as transformações em relação à matriz latina, destacando, por exemplo, a redução ocorrida no sis-

tema de vogais. Para sustentar essa análise, Cardeira retoma os conceitos da tipologia da mudança linguística detalhados na introdução, examinando minuciosamente os processos de supressão, como a aférese, a síncope e a apócope (exemplificada em *sic* > *sim*), além dos processos de adição como prótese, epêntese e paragoge.

A investigação avança, ainda, sobre fenômenos de assimilação (*mensa* > *messa* > *meza/mesa*) e dissimilação. São explorados minuciosamente a semivocalização, para a ditongação (*malu* > *ma-u* > *mau* [maw]), a monotongação (*poena* > *pena*), a crase (*dolore* > *door* > *dor*) e a metátese. Tais processos são fundamentais para compreender como a sonoridade do português europeu se diferenciou e se consolidou, oferecendo uma abordagem técnica que permite ao leitor mapear a evolução fonética do idioma de forma precisa e fundamentada.

No capítulo intitulado *Morfossintaxe*, a autora aborda inicialmente a estrutura sintática do latim clássico e as funções das declinações nos casos nominativo, genitivo, dativo, acusativo, ablativo e vocativo. É examinada a transição desse sistema para as estruturas românicas, analisando-se a redução das declinações e a evolução de classes gramaticais como substantivos, adjetivos, pronomes e verbos. Nos estudos sobre a organização das frases no português antigo, Cardeira destaca que a ordem predominante passou a ser Sujeito-Verbo-Objeto (SVO), consolidando um padrão sintático que se distanciou da liberdade posicional característica do latim.

Um ponto alto da discussão é a colocação pronominal, que distingue o português medieval do moderno. Para testificar essa evolução, a autora apresenta registros como ‘e Rotas lho outorgou’, que exemplifica a tendência à próclise, característica do português arcaico e preservada, em larga medida, no português brasileiro. Esse exemplo é contrastado com estruturas como ‘e elle outorgoulho’, que já prefiguram a consolidação da ênclise no português europeu moderno. Tal movimento marca a divergência atual entre as variantes: a europeia, predominantemente enclítica, e a brasileira, inclinada à próclise, revelando como a sintaxe evoluiu de forma distinta em cada território.

O quarto capítulo dedica-se ao estudo do léxico, destacando a natureza heterogênea da língua portuguesa em razão de sua formação histórica. Em concordância com a premissa de que a língua possui um dinamismo constante, Cardeira afirma que o léxico de base latina foi amplamente expandido a partir de empréstimos decorrentes do contato com ou-

tros povos. Nesse sentido, a autora explora as contribuições dos estratos germânicos, árabes e de outras culturas que interagiram com o português durante períodos de expansão e trocas culturais. Essa análise ilustra como a incorporação de termos estrangeiros ao substrato latino foi fundamental para a consolidação do vocabulário que compõe o idioma na atualidade, reforçando a ideia de que a língua se transforma e se enriquece por meio de suas relações socioculturais.

Já no capítulo *Ortografia*, a exploração concentra-se na evolução ortográfica, segmentando as mudanças ocorridas ao longo dos séculos em três períodos distintos: o fonético, o etimológico e o das reformas ortográficas. No período fonético, iniciado na época medieval, a escrita buscava transcrever a oralidade, o que resultava em uma grafia marcada por indecisões em que um único fonema era representado por diferentes grafemas, uma oscilação visível ainda hoje nas representações de /ʃ/ por *ch*, *x* ou *s*. A necessidade de normalizar esse cenário culminou na reforma de 1911, o primeiro grande marco de fixação ortográfica para documentos e manuscritos.

A partir de então, iniciou-se um ciclo de ajustes para padronizar o idioma, destacando-se o primeiro acordo ortográfico luso-brasileiro de 1931. Embora revogado e revisado sucessivamente, esse acordo já sugerir as distinções entre as variantes europeia e brasileira. Entre as transformações mais recentes, a autora assinala a integração definitiva das letras *k*, *w* e *y*, expandindo o alfabeto para 26 letras. Cardeira conclui que a ortografia moderna do português europeu só se constitui efetivamente no início do século XX, momento em que se estabelece uma norma estável, ainda que sujeita a contínuos aperfeiçoamentos.

Por fim, o sexto capítulo encerra a obra oferecendo um guia metodológico para aqueles que desejam aprofundar-se nos temas estudados, reafirmando o caráter pedagógico e orientador de Esperança Cardeira. A autora segmenta as indicações de leitura de acordo com cada eixo temático: para a evolução geral da língua (Cap. 1), recomenda a síntese de Paul Teyssier; para as nuances do latim vulgar e mudanças fonéticas (Cap. 2), aponta o texto clássico de Serafim da Silva Neto. No campo da morfosintaxe (Cap. 3), as sugestões recaem sobre a morfologia histórica de Mário Viaro e os estudos de Rosa Virgínia Mattos e Silva, enquanto para a discussão sobre o léxico patrimonial (Cap. 4), destaca a obra inovadora de Fernando Venâncio. No que tange à ortografia (Cap. 5), a orientação foca em Ivo Castro, Inês Duarte e Isabel Leiria, que oferecem uma análise comentada dos principais textos normativos. Esses são apenas alguns

dos diversos autores selecionados por Cardeira para fornecer às novas gerações de pesquisadores as ferramentas necessárias para a compreensão profunda da história da língua portuguesa.

A leitura revela-se indispensável pela habilidade de Cardeira em sintetizar séculos de mudança de forma fluida e dinâmica. Ao detalhar com rigor os processos de mudança, a autora oferece ao leitor as chaves para compreender a lógica interna das transformações que delinearam nossa fala. É importante ressaltar que, para auxiliar o público, a autora traz os significados de alguns conceitos teóricos relevantes (como romanização e latim vulgar) ao longo do texto, o que permite que mesmo aqueles que ainda não possuem uma experiência vasta na área possam ter um aproveitamento satisfatório da leitura, unindo rigor acadêmico a uma sensibilidade didática admirável.

Sob uma perspectiva crítica, embora a obra apresente uma síntese primorosa e de fácil consulta, nota-se que o rigor na descrição das mudanças internas (fonéticas e morfológicas) por vezes se sobrepõe a uma exploração mais profunda dos fatores externos de contato. Sentiu-se falta, por exemplo, de uma discussão mais robusta sobre o papel das línguas de superestrato e adstrato no período de formação, que poderiam oferecer camadas adicionais de compreensão sobre a resistência ou perda de certos traços latinos.

Além disso, caberia um questionamento sobre o posicionamento da autora quanto à fixação da ordem Sujeito-Verbo-Objeto (SVO). Ao enfatizar a consolidação desse padrão, a obra poderia ter explorado de forma mais detida a persistência de estruturas de ordem livre ou a ocorrência de Verbo-Sujeito (VS) no português antigo, que ainda desafiam a ideia de uma transição linear da liberdade latina para a rigidez românica. Tal aprofundamento evitaria que o processo de mudança sintática fosse interpretado como um processo abrupto, garantindo ao leitor iniciante uma visão mais matizada da fluidez do português medieval.

Não obstante, esta obra brilhante consolida-se como um guia seguro e sofisticado para quem deseja desvendar as múltiplas camadas históricas do nosso idioma. Unindo a investigação do Léxico a um estudo técnico da fonologia e ortografia, Cardeira entrega um compêndio de alto nível acadêmico. Por sua densidade e precisão terminológica, o livro é especialmente adequado a estudantes e pesquisadores do curso de Letras e entusiastas que se interessam por gramática e pela história do português europeu. A leitura exige certa maturidade acadêmica para extrair o má-

ximo proveito. A inclusão de um capítulo final voltado para a orientação de novos estudos reafirma o compromisso da autora com o florescimento de novas gerações de linguistas.

Dessa forma, a publicação dessa obra no Brasil revela-se de fundamental importância para os estudos linguísticos contemporâneos. Compreender a fisionomia do português brasileiro exige, obrigatoriamente, o entendimento das raízes e da história de formação do português europeu, visto que as trajetórias das duas nações são profundamente imbricadas. Ao oferecer aos estudantes de Letras e pesquisadores brasileiros uma obra tão bem-organizada e segmentada, Cardeira lança luz sobre a base histórica comum, permitindo que as divergências e as identidades próprias de cada variante sejam analisadas não como erros, mas como desdobramentos lógicos de um processo contínuo e compartilhado.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CARDEIRA, Esperança. *Gramática histórica do português europeu*. São Paulo: Parábola, 2021. 190p.